

Professor Oswaldo Bueno Amorim Filho**SEGHUM – 2018**

O presente texto é a transcrição literal de um agradecimento, portanto, carregado de emoção. É um agradecimento pelo professor Oswaldo Amorim Filho, por uma homenagem a ele oferecida no IGC-UFMG, no dia 30 de agosto de 2018, por colegas, ex-alunos e orientandos, membros do Grupo de Pesquisa em Geografia Humanista e Cultural (GHUM) e familiares. Sua presença foi de fundamental importância no encontro que possibilitou esse agradecimento, a saber, o IX Seminário Nacional sobre Fenomenologia e Geografia, principalmente pelo professor Oswaldo, em sua trajetória, ter enfrentado questões que hoje são fundamentais para a compreensão da história e do pensamento que dizem respeito ao conhecimento geográfico. Segue abaixo, o texto:

* * *

Boa noite a todos... Boa noite.

Eu não me preparei para uma coisa tão densa... fiquei aqui emocionadíssimo.. algumas lágrimas...

Mas eu vou tentar estruturar meu pensamento para agradecer.

É um agradecimento grande, muito grande.

Nessa casa eu vivi 30 anos, mais ou menos. Sempre que eu venho aqui é uma oportunidade de lembrar tantas coisas e hoje foi uma dose muito grande. Ainda bem que eu ainda não tive problema de coração. Mas quanto ao lado emocional esse é o lugar ideal. Não somente o lugar, mas a Geografia Humanista é esse lugar.

E aqui estou vendo muito ex-alunos, ex-orientandos... e pelo menos um orientando atual que é juiz, o meritíssimo ali que é meu orientando hoje. Estou vendo colegas, amigos de tanto tempo... os alunos queridos que foram felicíssimos no caminho... e na

verdade eu tenho dois amores: um é a minha família, evidentemente, e o outro é a Geografia. Bom, eu não ia dizer que eu sou cruzeirense também.. mas isso, politicamente não se pode divulgar muito porque tem atleticanos excelentes, meus alunos e amigos. O meu pai é atleticano... os irmãos.. eu tenho vários irmãos atleticanos.

Mas... eu estava dizendo que aqui é um lugar. É o lugar e o momento já que esse é um ano especialíssimo para mim, pois nesse mês de agosto, por coincidência.. quer dizer... a data deste evento variou muito em função de vicissitudes de organização e esse mês de agosto de 2018 tem um significado especial para mim. Porque são 50 anos que eu comecei a dar aula, e por coincidência maior... que dizer (alguém) já fez muitas confidências aí, não é? ... foi lá investigar minha vida... e no mês de agosto aconteceram coisas interessantes há 50 anos atrás.

Eu me lembro que eu era aluno do segundo ano da geografia, e nós tínhamos uma professora que foi mencionada aqui, a professora Guiomar, e um belo dia ela me chama no gabinete dela, não me lembro exatamente quando, mas foi no finalzinho do primeiro semestre e ela me disse assim:

Olha, tem uma amiga minha que é professora das Letras, a professora Ângela Vaz Leão, que eu acho que é a professora mais longeva e acho que ela compete muito bem com a Livia (de Oliveira). Ela já passou dos 90 anos só que ela continua na pesquisa até hoje. Por isso que eu fico me policiando, porque no ano que vem eu faço 75 anos e na geração do meu tempo, 75 anos era uma pessoa muito velha. Mas eu tenho uma justificativa, eu acho que talvez eu possa me aposentar, embora eu não queira... porque os homens vivem menos que as mulheres. As mulheres são muito fortes e eu tenho certeza de que a Beth vai me superar muito... mas aí veio a professora Guiomar e falou assim:

Eu fui encarregado por uma colega de procurar um dos alunos, que seja um bom aluno, para dar aula numa faculdade recém criada no interior. Porque naquele tempo, ao contrário de hoje, o mercado era muito bom, para todos – licenciados, bacharéis... então eu perguntei pra ela: onde é essa cidade? Ela falou: olha, fica quase a 200km de Belo Horizonte, e você vai ter que fazer um sacrifício porque você vai ter que ir lá duas vezes na semana.

Eu tinha aula aqui, e eu tinha um trabalho também nessa época. Pouca gente sabe, eu era bancário. Eu comecei a trabalhar muito cedo: aos 16 anos. Fiquei pensando: como eu vou fazer? Mas eu vou aceitar, porque um aluno de segundo ano dar aula numa faculdade é

uma coisa rara. Aí fui procurar a professora e levei um susto, porque é uma pessoa da minha cidade e depois, conversando com minha mãe fiquei sabendo que ela tinha sido professora dela, da minha mãe, então a cidade era a minha cidade: Formiga/MG. E foi lá que eu comecei aos 23 anos essa carreira, que talvez ainda vá longe. Eu não consigo me pensar parado. Aposentado eu nunca vou ser. Talvez eu interrompa algum vínculo, simplesmente, do ponto de vista de horários e de coisas desse tipo. Mas eu hoje ouvi toda a história de novo, e é extremamente emocionante escutar alunos que eu não vejo há décadas! E se eu comecei há 50 anos, vocês imaginem.. meio século! E eu confesso que eu não sei, mas daí eu falo pra todo mundo.. quer dizer, vocês vão chegar lá... o espírito ele não envelhece. O corpo, esse envelhece. Não tenho a menor dúvida, ele envelhece. Apesar de eu considerar que eu tenho uma saúde extraordinária e uma das razões dessa saúde, sem dúvida é a Geografia. A outra é a minha família, não tenho dúvida nenhuma disso.

Então, só uma reflexão para eu, aqui, simplesmente não falar um obrigado, e talvez fosse o que eu devesse fazer, mas eu só queria lembrar uma coisa: a Beth falou lá muito bem né.. é a minha mulher, minha companheira esse tempo todo.. Na verdade, a minha opção pela Geografia ela se deve à infância, a uma experiência extremamente rara. Eu tive a sorte de ter um pai que era um viajante porque ele ganhava a vida comprando e vendendo gado, e tive a sorte por outro lado de ter uma mãe que era professora, e que inclusive me alfabetizou muito cedo. Era uma pressão brutal minha aos quatro anos e meio.. e aos 7 anos eu estava lendo Júlio Verne e Marco Polo, que eram aquelas edições, e não sei se tem aqui alguém que lembra das Edições Melhoramentos, que eram edições condensadas, pequenininhas, e eram feitas justamente para essas idades mesmo.

E eu pus na cabeça justamente naquela época, e talvez também pela influência do meu pai, que eu faria algo na vida que me permitisse continuar viajando sempre. E a Geografia, vou dizer para vocês, tem muita área que permite. O turismo é uma coisa interessante, mas a Geografia sem viagens, ela não existe. Sem o que nós chamamos de “campo”. E por influência da família, em meio a alguns advogados, tinha um até que era coordenador do setor jurídico da CEMIG me incentivou muito: faz Direito que você vai ter emprego com bom salário. E eu me lembro até hoje de alguns parentes que não entenderam nada da minha mudança do Direito para a Geografia e por vezes pensaram: coitado, vai morrer pobre..

Isso porque eu podia ser uma pessoa muito mais bem sucedida financeiramente. Mas é uma opção do coração.

Eu vejo aqui pessoas que amam a Geografia. Meus orientandos, meus colegas...

Eu me lembro com muita gratidão dos meus mestres aqui do IGc, que foram lembrados.. aquela lista dos professores por disciplina.. foram meus professores!

Eu tenho um orgulho tremendo porque o IGc tinha uma das melhores graduações do Brasil, não tenho dúvida quanto a isso.

Mas eu queria fazer uma reflexão já que nós estamos em um encontro da Geografia Humanista.

A Geografia, ela existiu sempre como atividade. Certo? Isso não é uma aula não, tá? É uma reflexão do coração.

A Geografia existiu sempre e ela teve momentos muito interessantes quando ela cumpriu uma.. (eu tô fazendo um prefácio com aquele rapazinho ali, que é uma das promessas maiores da Geografia brasileira – não é uma promessa, é um dos grandes nomes da Geografia brasileira, tá ali com a Jamille – o Eduardo, gosto muito dele.. tá ali o Werther Holzer, que como ele disse, nós nos encontramos numa época avançada da nossa experiência e é como se sempre estivéssemos juntos. Berdoulay que eu tive o prazer de traduzir um livro dele graças a um convite do Eduardo e foi publicado ano passado, sobre a Escola Francesa – ele fala uma coisa que é “o círculo de afinidades” e nós estamos aqui num círculo de afinidades, com certeza – e eu queria fazer uma reflexão hoje já com esses... com a geografia).

A minha relação com a Geografia é muito antiga. Da minha relação com a Geografia acadêmica são 51 anos, e a minha experiência como professor são 50 anos. Nessa trajetória eu aprendi algumas coisas e algumas delas, muito pequenas, eu queria compartilhar aqui hoje.

Compartilhar porque nós aqui estamos... digo, todo mundo que tá aqui tem algo em comum, mesmo meus familiares que estão aqui e infelizmente Letícia tá longe.. tá em Bogotá... Guilherme tá mais perto, tá em Goiânia, e eles também sabem do carinho que eu tenho com a Geografia e como me preocupo com a Geografia.

Porque, dessa vida, 50 anos de Geografia, eu vi a Geografia no apogeu e vi a Geografia algumas vezes em crise.

Eu quero falar uma coisa pra vocês sobre isso.

A Geografia entrou em crise por causa dos geógrafos.

Não é por causa dos outros. Não é a sociedade que levou a Geografia à crise, não é o Governo.

A Geografia hoje, como eu disse e foi repetido aqui, a Geografia de hoje não tem a unidade que eu vi quando eu era estudante.

Em Bordeaux eu vi muito claramente isso:

É uma unidade filosófica, é uma unidade metodológica.

Você não tinha dúvida sobre o que você ia fazer em pesquisa – a era das certezas.

Nós entramos na era das incertezas... então, eu acho que uma das razões da fragmentação da Geografia é que os geógrafos perderam a Arte da Geografia.

Os geógrafos foram fazer política, foram fazer computação. Os geógrafos se esqueceram do “Espírito Geográfico”. Da relação especial com a natureza, com a paisagem e ao invés disso, os geógrafos viraram tecnocratas de um lado e militantes políticos de outro lado, e a Geografia foi traída.

Então hoje nós temos um desafio e é a última coisa que eu vou falar porque eu não quero me alongar, eu falei que não era uma aula, e em certo sentido é um pouco do desafio que eu tenho pela frente de passar para todos que amam a Geografia:

A Geografia tem dois caminhos me parece, para ela reencontrar a unidade perdida, porque hoje os geógrafos não se entendem mais.

Você vê o geógrafo positivista lá com o computador dele e ele não entende o que um geógrafo crítico com o seu marxismo (neo marxismo) está falando, e os geógrafos humanistas apareceram em um sentido e também eles existiram sempre. Mas eles apareceram com força e eu queria dizer uma coisa sobre isso: a comunidade que cresce mais na Geografia mundial é a Geografia Cultural e Humanista. Basta olhar as publicações. Por que? Porque isso responde a um anseio, a uma angústia e a palavra é essa. Há uma angústia dos geógrafos que perderam a unidade.

E eu falei que há 2 caminhos:

1 - Nós estamos perplexos por perder a unidade e para romper essa perplexidade... como? Voltando aos clássicos. Porque no tempo deles a Geografia tinha unidade e por isso que tanta gente republica agora Humboldt, Ritter, Hettner, Vidal de La Blache...

Hoje foi falado dos mestres franceses..

Para esses geógrafos, por que não havia a necessidade de pensar muito epistemologicamente? Por que nós temos esses cursos todos hoje? Porque nós perdemos a unidade. Naquele tempo era implícito. Vocês sabem se algum dia eu tive aulas de epistemologia? Eu nunca tive. Eu fui o primeiro professor aqui em 1974. Por que, o que é evolução do pensamento geográfico? Teoria da Geografia? É Filosofia!

Na verdade a gente esqueceu de uma coisa... os geógrafos esqueceram de uma coisa que foi falada por Estrabão no tempo de Cristo. Estrabão é um geógrafo grego (estou lembrando aqui né) que viveu de 60 antes de Cristo a 20 depois de Cristo, então ele é do tempo de Cristo, então são 2 mil anos atrás.

Ele disse que a Geografia deve ser feita por pessoas que tenham uma perspectiva filosófica... ele aliás usa um termo que eu fico até com medo de usar, que é um termo tão... parece chique, parece complexo e é mesmo.. e ele disse que o geógrafo verdadeiro tem que ser um “polímata”, tem que ter a “polimatéia”. O que é a Polimatéia? É uma espécie de erudição que os gregos tinham... tem uma história dos gregos que eles diziam que a educação grega que eles chamavam de Paidéia prepara um homem superior... agora imagine um deles falando: “a geografia é uma tarefa de filósofos.” E nós perdemos esse contato com a Filosofia.

Nós viramos técnicos. Nós viramos militantes e nós perdemos o contato com a fonte de tudo que é a Filosofia.

Então eu vejo dois caminhos.

1 - Uma meia-volta aos clássicos... e um outro caminho (porque nesse momento não há muita alternativa)

2 - Por que que eu gosto da Geografia Humanista e depois de tanto tempo gosto cada vez mais? Porque a Geografia Humanista é aquela que se aproxima mais das nossas origens. Além do que ela trouxe para a Geografia uma coisa que os geógrafos perderam, principalmente os positivistas e os neo marxistas que é a emoção, a afetividade, e nós tivemos uma prova aqui, gigantesca, pelo menos pra mim.

E isso não é algo que você está falando que foi acrescentado recentemente. Isso está na Geografia de sempre.

Quando o geógrafo lá da Escola Francesa falava assim: você vai ao campo e você vai viver o campo. Você não vai só pegar dados estatísticos... você vai viver o campo, você

vai ter diálogo com as pessoas... já era Geografia Humanista, embora sem uma reflexão sobre a fenomenologia por exemplo.

Então, há 2 caminhos, me parece, hoje para nós resgatarmos a Geografia.

Um caminho é voltar aos clássicos, mesmo que seja em português. Bom, o ideal é ler o Humboldt e o Ritter em alemão, e o Vidal de La Blache e todos os seguidores dele em francês...

Mas tem muita coisa em português.. nós já traduzimos muita coisa!

Esse grupo que está aqui da Geografia Humanista tem ótimos tradutores.. Está ali o Holzer que traduziu talvez a obra seminal da Geografia Humanista que é o Eric Dardel.

1952, imagina.. ele falou uma verdade tão grande que nós estávamos despreparados para receber essa verdade, e ficou sem ser lido.

Ninguém fala... ninguém leu Dardel naquele tempo.. eu era estudante em 1960 e ninguém falou de Dardel. E a Geograficidade que está lá é esse retorno, então. Não é que a gente vai desprezar o social, não é que a gente vai desprezar as técnicas, mas acho que deveríamos fazer como os geógrafos grandes sempre fizeram. Essa coisa, isso é auxiliar da Geografia, e a Geografia é você ter esse contato com o mundo, com o mundo exterior, com a paisagem, com amor, com uma base epistemológica sólida, e não fazer só a geografia técnica, mas fazer a Arte da Geografia.

Nessa fase da minha vida eu tô muito entusiasmado, eu acho que a Geografia Humanista é um caminho para se resgatar a Geografia e buscar novamente a unidade que a Geografia perdeu.

E era isso.

Um abraço carinhoso a todos que estão aqui até agora.. um prazer muito grande em ver os meus ex-alunos e vários de meus companheiros.